

A Coleta de Pinhão na Floresta Nacional de São Francisco de Paula, RS: Uso Potencial Sustentável

Cynthia Fleming Batalha da Silveira¹, Gilberto Gonçalves Rodrigues² e Teresinha Guerra³

Introdução

O pinhão, semente do pinheiro-brasileiro (*Araucaria angustifolia* (Bertol.) Kuntze) leva dois anos para amadurecer e, é encontrado e comercializado com maior abundância, nos meses de abril a junho (outono). É neste período, que muitas aves (maitacas, papagaios, gralhas, etc.) alimentam-se quase que exclusivamente dos pinhões das florestas [1].

Atualmente, é alimento e fonte de renda alternativa para muitas famílias de agricultores no sul do Brasil [2]. Apesar de sua importância regional como fonte de renda, esta atividade não mereceu estudos de impacto ecológico, econômico ou social.

Na Floresta Nacional de São Francisco de Paula (FLONA-SFP) a coleta de pinhão ocorre historicamente, como uma das alternativas de uso sustentável de produtos não-madeiráveis. Essa atividade faz parte do cotidiano da população associada a FLONA-SFP residente no entorno, e está inserida como expressão de uma atividade tradicional, tanto de subsistência como na cultura do povo. A festa do pinhão na região é uma culminância desta atividade extrativista.

Além do pinhão, outras alternativas de renda poderiam melhorar as condições de vida da população associada a FLONA-SFP residente no entorno. Rodrigues [3], Coelho de Souza *et al.* [4], realizaram pesquisas com comunidades de pequenos agricultores rurais do litoral norte do estado do Rio Grande do Sul, que efetuam a coleta da samambaia-preta e/ou fibras vegetais (plantas aquáticas e lianas) como alternativa de renda.

As Florestas Nacionais Brasileiras têm o desafio de conciliar o uso, com a conservação da natureza, o fomento a pesquisa, a garantia de serviços ambientais, o manejo de recursos florestais (madeireiro e não-madeireiro) e ainda a inclusão social das populações nela residentes ou no seu entorno [5].

Este trabalho teve como objetivos: identificar o perfil sociocultural dos coletores de pinhão na FLONA-SFP; caracterizar a prática de coleta de pinhão na FLONA-SFP; identificar os problemas relativos desta coleta; e propor alternativas.

Material e métodos

A FLONA-SFP situa-se no Planalto Meridional, nordeste do estado do Rio Grande do Sul, entre as

coordenadas 29°25'22,4'' S e 50°23'11,2'' W, no município de São Francisco de Paula, RS. Constitui-se num dos ambientes característicos da Floresta da Floresta Ombrófila Mista. A região é uma das mais úmidas do Estado, com pluviosidade superior a 2000mm e com temperatura média anual de aproximadamente 14,5°C. Apresenta 56% de sua área constituída de mata nativa. Nos demais 44% ocorre a silvicultura do pinheiro-brasileiro (*A. angustifolia*), espécie nativa, e de espécies exóticas como o *Pinus* sp. e o *Eucalyptus* sp. [6]. A introdução de espécies exóticas na FLONA-SFP ocorreu no começo dos anos 60, por incentivo do extinto Instituto Nacional de Desenvolvimento Florestal (IBDF) e ocupava na época 23,13há [7].

Os dados da coleta de pinhão na FLONA-SFP foram obtidos através de entrevistas não estruturadas e interação dialógica pesquisadores-coletores durante o acompanhamento das coletas de pinhão, no período de maio a julho de 2005, e entrevistas com os técnicos da FLONA-SFP e consultas dos documentos da FLONA-SFP.

Resultados e discussão

Caracterização da prática de coleta de pinhão

A coleta de pinhão na FLONA-SFP é liberada a partir de 15 de abril, seguindo a Portaria Normativa DC nº 20, [8]. Seu término é determinado praticamente pelos próprios coletores, a partir do momento que observam que existem poucos pinhões. Em 2005, a administração da FLONA-SFP determinou que todos os coletores de pinhão deveriam fazer um seguro de vida para credenciarem-se como coletores. A imposição do seguro veio pela preocupação com acidentes que pudessem ocorrer dentro da FLONA, responsabilizando-a, como também com o futuro das pessoas caso sofressem um acidente sério.

Nem sempre eles conseguem pagar à vista o valor do seguro de R\$ 39,90 (trinta e nove reais e noventa centavos), precisando parcelá-lo. Este deve ser pago no banco e tem validade de um ano. O seguro pode ser contratado por coletores com idade de 16 a 70 anos.

Os coletores interessados na coleta participaram de reunião com o administrador da FLONA-SFP, e também assinaram contrato regendo essa atividade. Cada coletor recebe uma credencial (crachá) de coletor legalizado, sendo orientado a realizar as coletas, de preferência, sem

1. Mestranda do Programa de Pós – Graduação em Ecologia da UFRGS do Instituto de Biociências, pertence ao Núcleo de Educação Ambiental (NEA) Departamento e Centro de Ecologia, Instituto de Biociências, UFRGS. (cynthia@terra.com.br)

2. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ecologia (Colaborador convidado), Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Av. Bento Gonçalves, 9500, prédio 43422, sala 115, Porto Alegre, RS, CEP 91501-970. (gilberto_rodrigues@ecologia.ufrgs.br)

3. Professora do Programa de Pós-Graduação e Departamento de Ecologia do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenadora do Núcleo de Estudos em Educação Ambiental (NEEA) Departamento e Centro de Ecologia, Instituto de Biociências, UFRGS.

subir nos pinheiros, devido à periculosidade e necessidade de equipamentos de segurança. O IBAMA orienta (Instrução normativa nº 20) sobre a coleta do pinhão, ressaltando a necessidade de equipamentos de segurança: luvas, botas, capacetes e cintas de segurança). Os coletores são alertados pela administração sobre vários aspectos: a proibição de atear fogo; o cuidado com o lixo produzido, e, se porventura, encontrarem lixo, fazer o recolhimento do mesmo. No contrato consta, ainda, o compromisso de deixarem 50% do peso do pinhão na FLONA-SFP.

B. O perfil sociocultural dos coletores de pinhão

Em 2005, 20 coletores de pinhão se credenciaram na FLONA-SFP. Destes, quatro foram mulheres entre 35 e 50 anos e os demais homens de 18 a 58 anos. Esses são em sua maioria, residentes no entorno (35%), residentes na cidade de São Francisco de Paula (15%) e os demais (50%) são de Osório, Terra de Areia, e Igrejinha, municípios próximos a São Francisco de Paula, RS.

Os coletores de pinhão são agricultores (25%), trabalhadores da construção civil (25%) e os 50% demais são donas de casa, pescadores, mecânicos, vigilantes e empregadas domésticas.

Apesar de se tratar de uma atividade tradicional, há diferentes formas de coleta do pinhão. Dentre os coletores entrevistados, somente um realiza a coleta da maneira mais arriscada, subindo no pinheiro. Nas palavras dele: “não sou coletor de pinhão caído”. Este coletor, de 56 anos de idade, faz a coleta de pinhão desta maneira há 42 anos. Utiliza para subir no pinheiro um equipamento especial (“trepas”) preso às botas e uma cinta. Relatou que já subiu em até 50 pinheiros em um único dia. Esse coletor denomina os demais coletores de “juntadores”. Ao coletar subindo no pinheiro, esse experiente coletor consegue derrubar 12, 15, ou até 20 pinhas por pinheiro, com muita rapidez. Realiza a coleta sempre com auxílio de seu filho, coletor também, que aguarda embaixo para recolher as pinhas. Se a pinha estoura ao cair, debulhando os pinhões, eles não perdem tempo juntando-os, deixam para os “juntadores” ou animais, que destes se alimentam. Esse coletor só debulha a pinha quando chega no seu alojamento, na FLONA-SFP.

As pinhas, ou os pinhões soltos (no caso dos juntadores) são colocados, em geral, em sacos de polipropileno. Estes são levados até a beira das estradas existentes dentro da FLONA-SFP. Na medida do possível, um carro da FLONA-SFP circula para recolher os sacos da coleta de pinhão. Quando isto não ocorre, esses sacos são carregados nas costas, pelos coletores. Cada saco pesa em torno de 40kg.

C. Problemas relativos à coleta de pinhão e propostas

Os coletores de pinhão utilizam casas cedidas pela FLONA-SFP enquanto exercem essa atividade. A coleta inicia ao amanhecer e só retornam para o alojamento no final do dia. Eles podem permanecer vários dias na FLONA-SFP, isolados de suas famílias e com uma infraestrutura de casas precárias, mas não reclamam disto. A coleta de pinhão, apesar de ser uma atividade em que os coletores manifestaram ter satisfação em realizar, apresenta problemas. As mãos de quem coleta são

ásperas e com cicatrizes ou lesões de perfurações das grimpas. Para diminuir este incômodo, tanto os “juntadores”, como o coletor que sobe no pinheiro, preferem fazer a coleta num dia após a chuva. A umidade amacia as grimpas e diminui a possibilidade de serem espetados pelas folhas dos pinheiros. Em duas mulheres, constatou-se o uso de luvas ou alguma proteção nas mãos (saco plástico) para evitar tal dano. Outra dificuldade, apontada por eles, é o risco dos pinhões serem comidos pelos cavalos, depois de coletados, uma vez que ficam na estrada até serem transportados para o local da pesagem.

Na percepção da administração da FLONA-SFP, os problemas em relação à coleta de pinhão são: a coleta clandestina; o receio e preocupação com acidentes, que podem ser responsabilizados ao chefe da FLONA-SFP; a falta de pesquisa sobre o impacto da coleta do pinhão; e as condições de moradia e trabalho dos coletores.

A pesagem dos pinhões é feita pelos técnicos da FLONA-SFP, juntamente com os coletores. A partilha é feita neste momento. Mesmo os coletores que não freqüentaram escola, sabem e realizam com destreza os cálculos da partilha do pinhão. O pinhão brotado não é coletado, o que é uma postura ecologicamente correta. “Nem bicho come”, diz um deles. No momento da pesagem e partilha do pinhão, observa-se a decepção dos coletores em ter que deixar 50% do peso dos sacos de pinhão na FLONA-SFP. Os coletores manifestaram forte desejo de poder negociar outra forma para partilha. A nova forma de partilha poderia vir de sugestões dos próprios coletores, através dos conhecimentos adquiridos nessa atividade e de estudos etnoecológicos. Além disto, o pinhão não reverte em dinheiro para FLONA-SFP já que é doado para prefeitura, escolas e festa do pinhão entre outros. Muitas vezes, a parcela do pinhão que cabe aos coletores é comercializada na própria FLONA-SFP. O comprador é o coletor que sobe no pinheiro (mencionado antes), o que o caracteriza como intermediário, além de coletor. Esse coletor consegue transportar os pinhões, com algum veículo (automóvel ou caminhão), para fora da FLONA-SFP, enquanto os outros, muitas vezes, utilizam transporte coletivo. Isto torna inviável o transporte de sacos de pinhão, pela distância até a parada do ônibus e também pelo pagamento do excesso de peso.

Apesar da carência de técnicos e funcionários para atender as demandas da Unidade, existem esforços no sentido de diversificar o uso sustentado da FLONA-SFP, tanto na coleta do pinhão, como na utilização de outros recursos vegetais não-madeiráveis (e.g. samambaia-preta, plantas medicinais, entre outros).

Isto aponta para que a pesquisa acadêmica supra essas necessidades, uma vez que a FLONA-SFP possui parcerias com inúmeros pesquisadores e instituições de pesquisa. A desvantagem da falta de estudos faz com que o extrativismo do pinhão seja controlado pela administração da FLONA-SFP, limitando a coleta do pinhão.

Dourojeanni e Pádua [9] comentam que o manejo florestal tem sido uma ilusão nas FLONAS da América Latina. Segundo eles, a exploração dos recursos no interior das UCs, torna mais complexo o manejo, acaba multiplicando os conflitos que os administradores devem

gerenciar. No entanto, cada FLONA, assim como cada UC's no âmbito brasileiro, apresenta suas particularidades e esta FLONA em especial não apresenta problemas de confrontos com o seu entorno, tanto na percepção dos administradores, quanto na percepção dos moradores.

Conclusões

É necessária, uma urgente revisão sobre a questão da partilha do pinhão de forma a favorecer os coletores, ao mesmo tempo em que as pesquisas científicas sejam direcionadas para o estudo do manejo sustentado desta coleta; e a abertura de um diálogo com a comunidade, a fim de estimular o uso de outros recursos não-madeiráveis como alternativa de renda e uso sustentável na FLONA-SFP.

Agradecimentos

Ao Flávio Dutra pela produção fotográfica. À administração e funcionários da FLONA-SFP pelo compartilhamento dos dias e dos dados. E aos coletores de pinhão, que gentilmente permitiram o acompanhamento durante as coletas de pinhão.

Referências

- [1] KALINOVSKI, G.F. 1988. *De pinhão a pinheiro*. Curitiba: Editora Galha Azul.
- [2] FONTANA, N. 1997. Desmatamento provoca extinção da fauna. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 24 de agosto.
- [3] RODRIGUES, G.G. 2006. Potencialidade de produtos florestais não-madeireiros: uma alternativa para a Mata Atlântica do sul do Brasil. In: *Seminário sobre o uso sustentável da Mata Atlântica: Palmeira Juçara, plantas aquáticas e cipós como alternativas sustentáveis*, 1, Maquiné. Texto apresentado. Maquiné.
- [4] COELHO DE SOUZA, G.P.; BRANDÃO, A.C.D.; SILVA, F.; KUBO, R. 2006. Capítulo 9: O projeto Samambaia-Preta e a questão do artesanato como alternativa de renda: subsídios para uma reflexão diante das propostas de uso de recursos naturais e desenvolvimento sustentável. In: *Extratativismo de Samambaia-Preta no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- [5] BRASIL. 2005. Ministério do Meio Ambiente. *Diretrizes para gestão e criação de Florestas Nacionais*. Brasília: Diretoria de Florestas - Coordenação Geral de Floresta Nacionais. Relatório interno, IBAMA.
- [6] FLONA – SFP. 2006. Disponível em: <<http://www.saochico.com.br/ibama/default.htm>>. Acesso em: 13 jan. 2006.
- [7] STRANZ, A. 2003. *Análise histórica da Floresta Nacional de São Francisco de Paula (1965-2000): a utilização do Sistema de Informação Geográfica como ferramenta para o monitoramento ambiental*. São Leopoldo: UNISINOS. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Biológicas), Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- [8] BERUTTI, P.A. 2006. *Dispõe sobre o abate de pinheiro brasileiro e a colheita do pinhão*. Disponível em: <<http://www.ibamapr.hpg.ig.com.br/Prt020-76.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2006.
- [9] DOUROJEANNI, M.J., PÁDUA, M.T.J. (2001) *Biodiversidade: a hora decisiva*. Curitiba: Editora da UFPR, 308.